

NÃO FOSSEM AS SÍLABAS DO SÁBADO (2022), DE MARIANA SALOMÃO CARRARA

Carolina Duarte DAMASCENO*

O romance *Não fossem as sílabas de sábado*, de Mariana Salomão Carrara (2022), é um corajoso retrato do luto e de seus desdobramentos. Após o acidente com seu marido André, que perde a vida esmagado por um vizinho suicida, a protagonista Ana retrata várias facetas da morte que, tal qual uma orquídea, configura-se como uma parasita capaz de se entranhar no espaço. Ficamos, assim, ao longo de grande parte da narrativa, presos com ela, sua filha Catarina e Madalena - a vizinha também acometida pelo mesmo revés - em um imóvel que, diferentemente de seu desejo, teima em sobreviver à catástrofe doméstica (“...é necessário que um apartamento morra junto...” – Carrara, 2022, p.15).

Além de retratar seu percurso diante do luto - atravessado pela culpa, pela maternidade e pelo medo do esquecimento - o romance destaca o caráter egoísta da dor e a solidão. Outro tema que perpassa o relato de Ana é o suicídio, trabalhado a partir das hipóteses que levanta para explicar por que Miguel, marido de Madalena, resolveu dar cabo a sua própria existência. Essas reflexões instauram um contraponto entre a arbitrariedade da vida e a possibilidade de atribuir sentidos à experiência, o qual será explorado nesta resenha.

O acontecimento central do romance – talvez o único momento de ação propriamente dito de todo o enredo – já evidencia o caráter aleatório da existência: um homem, prestes a receber a notícia de sua futura paternidade, sai da portaria do prédio no exato momento da queda de seu vizinho que resolveu saltar da janela. Irônica coincidência que remete ao possível com ares de inacreditável que Aristóteles sugere evitar nas obras artísticas (Aristóteles, 2008, p.96). Ao processar a repentina morte de André, a narradora não consegue deixar de pensar em como o acidente poderia ter sido evitado. Mesmo intimamente se culpabilizando por ter ligado para o marido e insistido que ele fosse o mais rápido possível ao seu encontro para ajudá-la a levar para casa um poster emoldurado, escolhe culpar Madalena (“Se o assassino morre junto é preciso punir depressa qualquer outro culpado, senão fica em nós” – Carrara, 2022, p.49).

* UFU - Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) - Uberlândia - MG - Brasil. 38408-100 - carolinaddf@yahoo.com.br

A narradora cria então uma gama de especulações sobre o que teria acontecido no fatídico sábado para justificar a morte de Miguel. Após levantar uma hipótese grosseira que chega a compartilhar com o delegado (a vizinha teria empurrado o marido, forçando sua queda), lança-se a reflexões sobre o que Madalena poderia ter feito para evitar o ocorrido. Assim, culpa-a por não estar em casa quando tudo aconteceu, por não ter dito o que supostamente seria capaz de fazer o marido desistir do ato e também por não conseguir manter seu desejo de viver com promessas de refeições e quitutes deliciosas. Com o passar do tempo, entretanto, reconhece a inocuidade de qualquer gesto diante do suicídio, o qual assume um caráter inevitável (“...como somos imbecis tentando aplicar a lógica patética dos vivos aos que não conseguem mais, qual a importância de um brigadeiro numa língua inteira amarga num estômago dobrado de desgosto” – Carrara, 2022, p.106). Diante de essa impotência, ecoa a primeira frase do romance: nada “teria feito a menor diferença” (Carrara, 2022, p.7).

Sob essa nova perspectiva, os suicidas são vistos por Ana como aqueles que, conscientes da ausência de sentido da existência, evidenciam o ridículo dos demais, “sempre alertas neuróticos pela manutenção da vida a todo custo quando eles sabem que isso não vale nada que é melhor nem existir...” (Carrara, 2022, p.105). A ausência de controle e arbitrariedade das coisas ganha sua dimensão máxima na metáfora da vida como “uma máquina gigante, monstruosa e cheia de dentes que são acionados anarquicamente e percorrem o arco interno feito as teclas de uma máquina de escrever empurrando a tinta até o papel...”. Todos estariam sujeitos a essa máquina feroz, a qual interrompe subitamente trajetórias com suas machadadas - como ocorre em alguns sábados, com suas sílabas “proparoxítonas tão escorregadias” (Carrara, 2022, p.114). Nesses dias, os dentes do inflexível maquinário caem sobre nós, escrevendo nosso destino sem deixar margem para nenhum tipo de escolha.

O caráter repentino da máquina-vida impede vislumbrar os significados dos momentos anteriores à sua ação. Na última noite passada com André, absolutamente banal, ele alude a uma piada do casal, geralmente contada por ambos no início das férias para mostrar a transitoriedade da época de prazer e descanso: “que pena que já acabou” (p.90). Ana não consegue achar graça na chacota, a qual lhe parece absolutamente deslocada, pois eles sequer estavam planejando uma viagem. Diante da morte do marido no dia seguinte, porém, o contexto surge retrospectivamente, dando às palavras dele um grande teor simbólico. Essa é, segundo Frank Kermode (1983), uma das maiores diferenças entre a experiência e as narrativas: enquanto os acontecimentos da existência soam fortuitos e contingentes - até que algum sentido seja atribuído a eles, sempre *a posteriori* - a ficção permite uma organização em forma coesa, em sequências marcadas por relações de causalidade.

No entanto, embora a vida e a ficção sejam bastante distintas, elas se aproximam quando o vivido se torna a história do vivido, o que acontece em alguns romances

escritos em 1ª pessoa como o livro de Mariana Salomão Carrara. Nele, essa aproximação evidencia-se por alguns elementos. Um deles remete à importância das hipóteses levantadas por Ana em sua narrativa. A conjunção condicional “se” ganha de fato bastante destaque, como no capítulo 13, integralmente dedicado aos supostos desdobramentos dos caminhos que não foram tomados. Ao lançar mão desse procedimento, a narradora parece se aproximar de uma das características da ficção, que permite vivenciar um leque de possibilidades inexistentes no mundo empírico, como elucida Iser (1999, p.37). Instaura, assim, um contraponto entre a inexorabilidade do destino e a pluralidade inerente ao universo ficcional.

A ficcionalização também se faz presente quando Ana justifica por que decidiu processar Madalena: “...não somos nós, são os nossos problemas que estão brigando numa mesa imensa e com plateia, somos personagens, é uma delícia virar só um personagem, uma história como qualquer outra...” (Carrara, 2022, p.61). O anseio de transformar as duas em personagens e a experiência vivida em ficção de certo modo reflete o desejo de reescrever a própria trajetória, tomando as rédeas que lhe foram tolhidas pela máquina-vida. Esse processo é forte a ponto de Ana e Madalena mudarem a forma de contar os acontecimentos. Após alguém pensar que ambas eram amigas de juventude cujos maridos morreram juntos em um acidente, optam por endossar a nova narrativa: “Confirmamos a história, depois a contamos desse jeito tantas vezes a qualquer um que insinuava um princípio de pergunta, quase virou nossa verdade” (Carrara, 2022, p.164). Assim, a ficcionalização do vivido, em suas diferentes facetas, parece entrelaçar o que de fato aconteceu com versões do ocorrido, pulverizando a noção de “verdade”.

Um dos elementos cujo significado mais sofreu mudanças no romance é o quadro que Ana tentava carregar sozinha no dia da morte de André. Inicialmente, o poster emoldurado de um filme pouco conhecido assistido por eles quando ainda não se conheciam simbolizava a grande sintonia dos dois, conectados por gostos comuns mesmo antes do início do namoro. Após o acidente, o quadro passa a representar a culpa sentida por Ana pois, se não tivesse pedido ajuda para transportá-lo, o infortúnio não teria acontecido. Torna-se também uma figuração da morte, quando Madalena a ajuda a buscá-lo na loja de molduras: “...ao mesmo tempo decidimos apoiar o quadro mais pra cima no ombro, e de repente era um caixão que levávamos nesse cortejo breve.” (Carrara, 2022, p.24).

O sentimento inicial da narradora em relação ao filme era de possessividade, como se ele pertencesse apenas a ela e ao André, o que lhe traz grande irritação quando descobre que Madalena o admirava também. Com o passar do tempo, a imagem do marido torna-se mais longínqua (“Não é que o tempo diminua a saudade, o que ele faz é diluir a memória – Carrara, 2022, p.160) e passa a lidar com a obra cinematográfica de outro modo. Um momento emblemático para entender essa mudança é quando Ana divaga sobre o que aconteceria se a vida, em um movimento de redenção, apagasse acontecimentos, devolvendo a ela a figura de

André e reduzindo a amiga a uma mera vizinha desconhecida: “...o que eu faria com isso, quando nos dão tantas sílabas instala-se qualquer coisa na grafia dos anos que não se pode reacomodar” (Carrara, 2022, p.160). Reconhece então a importância de Madalena e o quanto o quadro tornou-se uma representação da relação das duas também.

Nessa especulação, desponta uma metáfora que contrasta com a imagem da máquina-vida que dá origem ao título do romance. Trata-se da “grafia dos anos”. Se a primeira escreve o destino com suas teclas implacáveis, a escrita do tempo parece menos definitiva, pois está sujeita a alterações. Nesse sentido, assemelha-se mais ao processo de leitura e interpretação. Uma dessas mudanças ocorre quando a amiga narra ao então namorado de Ana o filme: “...senti que eu via de novo e de outra forma o mesmo filme, esse que pro bem e pro mal ficou sendo o filme da minha vida” (Carrara, 2022, p.160). A passagem antecipa o momento no qual, pela primeira vez, a narradora está disposta a ouvir a versão de Madalena sobre tudo o que aconteceu – relato que também é representado, na viagem de avião que elas fazem no final do romance, por um filme em outra língua a que só a vizinha assistiu e, por isso, pode contar.

O rearranjo dos acontecimentos presente em *Não fossem as sílabas do sábado* acena para a pluralidade de formas de lidar com o vivido, tanto através de mecanismos de ficcionalização quanto a partir de distintos pontos de vistas. Sob esse viés, se a máquina-vida escreve inexoravelmente parte de nossa história, o livro de Mariana Salomão Carrara lembra que sempre é possível resignificá-la, reescrevendo-a a partir de novas leituras da experiência.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- CARRARA, Mariana Salomão. **Não fossem as sílabas do sábado**. São Paulo: Todavia, 2022.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. v.2. São Paulo: Editora 34, 1999.
- KERMODE, Frank. **El sentido de un final**. Barcelona: Gedisa, 1983.

